



Foto: Fernanda Fiamoncini - Divulgação Objetiva

HUMOR SEMPRE, ATÉ NA TRISTEZA

A escritora Vanessa Barbara fala sobre sua vida e seu livro *Operação Impensável*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura
Págs. C4 e C5

Acidente com música

O que Beethoven tem a ver com uma mão quebrada?
Pág. C2

Jazigo abandonado

Um causo de cemitério em dia de finados
Pág. C2

A irmã de Mozart

A musicista que se submeteu à vontade do pai e desapareceu sob a sombra do irmão
Pág. C3

'Il Professore'

A perda de Umberto Eco, um dos maiores intelectuais da História recente
Pág. C3

Heterônimo filosófico

A metafísica ao contrário da poesia de Alberto Caeiro
Pág. C6



Um pouco de

Cada arte...

AOSOM DA 5^a DE BEETHOVEN



*
O.A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Uma das coisas mais estúpidas que alguém pode fazer na vida é sentar numa mesa de granito sem suporte ou reforço. Eu sentei numa mesa de granito sem suporte ou reforço.

A crônica quase sempre é algo pessoal do cronista — seu umbigo, com flunfa e tudo — e é bom que às vezes seja uma experiência forte. Quebrar a mão é uma experiência forte.

Tenho o costume de ficar semanas com a mesma música no carro. Na época era a 5^a do Bé. Foi o fatídico dia 28/01/2016. Pra começar bem o ano.

Chegando em casa de tardezinha, lá fui eu ao meu escritório, onde o Zé, meu pedreiro, assentava uma peça de granito na minha estante. Como olhar pessoas trabalhando é mais fácil do que trabalhar, entreguei-me à conversa. O Zé tentando se concentrar no serviço. Meio escorado na minha tão querida mesa de granito enquanto falava, eis que surge ele: o meio segundo de bobeira.

Começa a Sinfonia n° 5 em Dó menor: **Allegro con brio.** Pã, pã, pã, pããã!

Porque não chegou a dar um segundo. Foi um estalo só. O da mesa.

Em meio segundo de bobeira, o escorado — no caso eu — se sentou e, não sei por que, soltou sua leveza paquidérmica no granito indefeso. É claro que as leis da física me disseram: “Olá”. Eu fui ao chão. Com a mesa. E metade dela caiu sobre a minha mão esquerda. E eu vi que isso não era bom.

O Zé, com o barulho, virou-se em minha direção e tentou entender a cena. (Convenhamos, não era algo fácil de compreender, especialmente-

te para quem estava no chão, sob escombros.) Como quem não acredita no que vê e na estupidez do ato, me perguntou: “Você sentou na mesa?” Pois é. Sentei.

Andante con moto.

Depois de uma água rápida na mão — não limpou muito, confesso —, a dor assomando no horizonte, corri pra cozinha: gelo. A mão já estava latejando. E gritava: “Eu não acredito! Eu não acredito!” Enquanto acomodava o gelo num saco plástico e enrolava tudo com um guardanapo da cozinha, telefonei para minha Bella esposa. Pois, segundo detida análise e acurada interpretação, aquele “na saúde e na doença” jurado anos atrás incluía mão quebrada. E no preço da mão de obra o Zé não havia incluído serviços de primeiros socorros e ambulância.

Ao telefone, foi com bastante calma que eu disse:

— Bella, vem pra casa, que você tem que me levar pra santa casa.

— O quê? O que aconteceu?

Foi com bastante calma que eu disse:

— Bella, vem pra casa, que você tem que me levar pra santa casa. Não precisa correr, mas vem logo.

E desliguei. Nesse exato momento, já com sangue escorrido na camisa — eu disse que cortei a cabeça na queda? —, voltei ao escritório para tentar tranquilizar o Zé. Mas ele começou a girar.

— Zé, por que você tá girando?

— Eu não tô girando.

Xi... As vistas começaram a escurecer. Só então eu acreditei que não era o Zé que estava girando; e decidi que era melhor eu não desmaiar — minha pressão tem esse costume de baixar drasticamente quando vejo meu próprio sangue. “Não vou desmaiar, né?”, argumentei comigo mesmo. Afinal de contas, seria um baita exagero incluir nesta crônica a ambulância do Samu com sirenes e luzes na porta da minha casa.

Scherzo, Allegro.

Na santa casa, a camisa ensanguentada ajudou. Fui direto pra emergência. Enfim: dois pontos no cocuruto, fratura do metacarpo do indicador da

mão esquerda. Imobilização. (Fica o meu agradecimento a todos da Santa Casa de Fernandópolis: fui muito bem atendido.) Eu sentado numa salinha tomando soro. E a 5^a do Bé tocando — mas só pra mim.

Allegro.

Já em casa, um tanto chateado, fui ter com o meu anjo da guarda. Ele coçou a cabeça, olhou para o chão, para o teto e, ao final, confessou que estava fazendo uma boquinha naquela hora e, não soltando o lanche, esticou-me apenas uma das mãos. O que, óbvio, não era o suficiente para segurar esse peso que escreve. (Fiquei machucado, mas tive “sorte”.) Isso explica por que, afinal, o estrago não foi maior. Quebrei a mão, mas o osso fraturado ficou no lugar, retinho, de modo que escapei de cirurgia; fiquei só com o gesso.

ooo

A saúde — e principalmente a falta dela — põe tudo em perspectiva.

Uma mão quebrada — mesmo sendo a esquerda para alguém que é destro — atrapalha. Inconveniente muita gente, especialmente quem precisa fazer as coisas para você.

Pois tente com uma só das mãos: dar nó na gravata — eu tinha uma formatura para ir dias depois —, pôr a meia no pé, lavar o braço sem gesso, enxugar a mão sã, abrir uma garrafa com tampa de rosca, cortar o bife no prato, abotoar qualquer coisa, afivelar o cinto, passar pasta na escova de dente, digitar no teclado do computador.

Na minha digitação de uma mão só, saíram inúmeras palavras em outras línguas, com destaque para alemão, polonês e sindarin.

Tomar banho só com logística de guerra: braço com saco plástico e para fora do alcance do chuveiro. Às vezes para cima até. Com o tempo, a mão e o antebraço sem lavar começam a coçar, parecem um alienígena na gente. E cheiram como tal.

Verdade seja dita, não sou referência de condicionamento físico ou boa forma, mas ultimamente tenho exagerado nas complicações ao meu projeto de chegar aos cem anos. Ando revendo as projeções de longevidade tanto quanto o governo as de crescimento do PIB brasileiro.

Há momentos em que dá vontade de deitar, dormir alguns meses e só acordar quando tudo tiver passado. Então, dizem: “Mas, se você fizer isso, vai perder o BBB...” Bem, há momentos em que dá vontade de deitar, dormir alguns meses e só acordar quando tudo tiver passado.

A lei de Murphy é absoluta: de vez em quando, a mão distraída bate em algum obstáculo do percurso. E a cada encontrão do dedo na porta, a cada esbarro na mesa ou na cadeira, o espírito saía do corpo. E não voltava antes de alguns minutos.

E tem a vida social. É que todo mundo, claro, pergunta o que foi. Da versão original fui resumindo, até chegar na que mantive a maior parte do tempo: “Recusei-me a lavar a louça, e minha esposa me bateu.”

Sentado à mesa, o cotovelo apoiado e a mão engessada para cima — ângulo de noventa graus —, as piadas surgem: “Rau, homem branco?”, perguntam. “Não, não. Estou só abençoando o lugar em nome do Papa Francisco...” Ou então cantam a música da Eliana: “Meus dedinhos, meus dedinhos, onde estão? Aqui estão!”

A crueldade humana não conhece limites.

Mas como desgraça pouca é bobagem, o circo da minha vida me guardava outra surpresa. Já me livrara, semanas antes, de uma birruga — a verruga é minha, e eu chamo como quiser — na sola do pé, região do calcaneo. Haveria retorno.

(Digressão compensadora: na sala de espera, depois de alguns minutos, percebi um senhor gargalhando. Eu lia o Quintana — lembra do Mario? — e tentei ver do que o homem ria. Na mão dele, então, pude identificar: *Não Tem Erro*, um livro de crônicas — meu único solo publicado. Valeu ter escrito. Só não sei de qual ele ria. Talvez da foto do autor.)

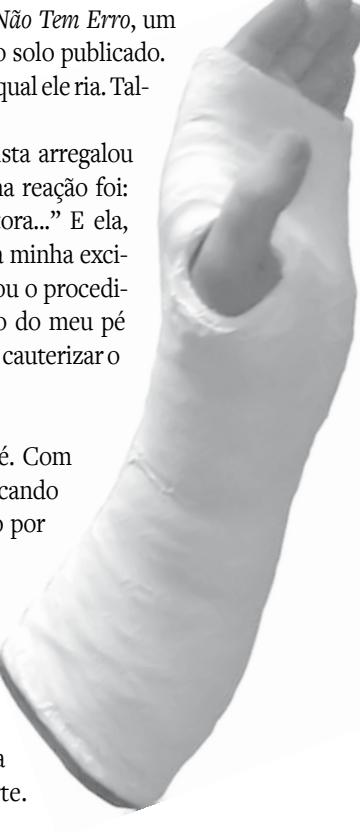
Na sala, minha dermatologista arregalou os olhos ao ver o gesso. Minha reação foi: “Melhor nem comentar, doutora...” E ela, depois de analisar os restos da minha excisão — que foi como ela chamou o procedimento de arrancar um pedaço do meu pé —, sentenciou: “Vamos ter que cauterizar o que sobrou...”

Como é que é? É.

Ganhei uma nova dor no pé. Com o braço engessado, saí mancando da clínica. Praticiei o sacismo por mais umas duas semanas.

ooo

Durante a vida, todos vamos sendo quebrados, em pedaços menores, que é para ficar mais fácil de o fim nos digerir. Pois quem sai da vida muito inteiro irrita a morte.



Causo

OJAZIGO ABANDONADO

SIDIVAL CREMONIN

Era véspera do dia de finados de 2009. Atendendo a um pedido de minha sogra, fui ao Cemitério da Saudade, o mais antigo de nossa cidade, para fazer uma limpeza e pinturas no túmulo do meu finado sogro.

Enquanto eu executava aquele serviço, próximo dali, a presença de um senhor bem vestido me chamou a atenção. Mesmo estando com um chapéu na cabeça e vestido com camiseta e bermuda, eu não estava suportando o calor que fazia naquele dia. No entanto lá estava ele, aquele homem, vestindo um terno e sentado sobre um velho jazigo sob aquele sol causticante. Entre as trocas de cores de tintas e as minhas pinceladas, de uma maneira muito discreta eu olhava na direção dele, e foi então que percebi que ele permaneceu completamente imóvel e olhando em minha direção o tempo todo.

Eu já tinha acabado o serviço e, quando me agachei para tampar as latas nas quais havia

sobras de tintas, ouvi uma voz trêmula atrás de mim:

— Ficou linda sua pintura. Eu mesmo não teria feito melhor. — Virei-me para agradecer os elogios que acabava de receber, mas a visão que eu tive naquele momento quase me fez perder a voz. Era o homem do velho jazigo. Um indivíduo de estatura mediana, rosto magro e esquelético, com uma palidez indescritível. Vestia um paletó preto, gravata roxa e calçava apenas meias nos pés. Conseguia com muito custo apenas balbuciar a palavra:

— ...brigado.

Mais uma vez ele me dirigiu a palavra:

— Oh, cidadão! Por caridade, não suporto mais ver aquele jazigo abandonado. Você poderia doar-me os restos de sua tinta?

— ...Claro que sim — respondi. — O senhor pode também ficar com os pincéis.

Como já eram quase dezoito horas, e logo o cemitério seria fechado, nem esperei para ouvir dele qualquer tipo de agradecimento, fui logo me despedindo e me mandei daquele lugar.

No dia seguinte, dia de finados, acompanhado de



meus familiares, assistimos à missa das oito horas naquele cemitério, que foi celebrada em homenagem a todos os mortos.

Logo após a missa, fomos visitar os vários túmulos de nossos amigos e parentes. Quando estávamos no túmulo de meu sogro, mesmo estando um pouco reticente, contei para os presentes aquele fato ocorrido no dia anterior. Fomos até aquele jazigo e o encontramos limpo e com pintura nova.

Ao ver a foto da pessoa que estava sepultada ali, tomei um susto tão grande que senti um arrepiamento gelado que começou nos meus pés, subiu pelas

pernas, passou pela espinha e foi até a cabeça, deixando meus cabelos arrepiados.

Credo em cruz. Aquela era uma foto enorme e ficou muito clara para mim. Tenho certeza de que era daquela pessoa para quem eu havia doado as sobras de tintas no dia anterior.

Eu, hein! Nunca acreditei em assombração nem em fantasma, mas que eles existem, existem...

*

SIDIVAL CREMONIN, NATO CONTADOR DE CAUSOS, É AUTOR DO LIVRO “O EREMITADO ARAGUAIA” (ALLPRINT)

Palavra

“Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. (...) Deus pôs os olhos nele, e disse-lhe: — Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.”

MACHADO DE ASSIS,

NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”. NASCIDO NO RIO DE JANEIRO (RJ) EM 1839, O AUTOR DE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”

E “DOM CASMURRO”, DENTRE OUTROS, MORREU NA MESMA CIDADE, EM 1908.



Cultura! é uma publicação do jornal OExtra.net, concebida por O.A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Conto/Música

Tão prodígio quanto seu irmão mais novo, Maria Anna Mozart, obediente ao pai, sucumbiu às regras sociais de sua época e abandonou a música para ser uma ‘mulher de classe’

NANNERL

JACQUELINE PAGGIORO

Atarde fria daquele outono lhe trouxe lembranças de um tempo longínquo. O piano daquele cômodo não era o mesmo, mas evocava a época em que juntamente com seu irmão tocavam. Ah, tempos de glória!

Mesmo sem poder enxergar as recordações lhe proporcionavam novamente a ambiguidade de sentimentos por tanto tempo sufocados. A visão voltava com as memórias.

O irmão, pequenino e travesso, arriscava-se ao subir na banqueta para imitá-la nos exaustivos exercícios ao teclado. O pai, para sua



surpresa, exultante, incentivou a peraltice e no ano seguinte eram os dois a aprender. Sua felicidade era completa: o admirado pai e o amado irmão sempre ao seu lado.

O calor da lareira lhe trazia ânimo e avivava as recordações.

As brincadeiras da infância em que governavam soberanos o Reino do Contrário e a linguagem secreta partilhada somente por eles. Também em segredo, dedilhando ao piano, compunham. Acreditava que seu amor por aqueles homens era tão grande que não se importava em creditar ao irmão a autoria das composições; não queria que o pai se zangasse.

Felicidade maior foi poder viajar pelas cortes europeias, apesar dos comentários maldosos de alguns — que velada ou abertamente — afirmavam que pareciam “micos de circo”. Naquela época não entendia por que o pai mentia a idade deles, não precisavam parecer prodígios, eles o eram!

As badaladas do relógio anunciam o início de uma noite que jamais caberia naquele tempo já vivido. O contraste da realidade das horas, medidas pelo relógio, convertia-se agora num tempo onírico cujo único instrumento capaz de medi-lo era ela própria.

Submeter-se aos imperativos do pai, sufocando seu talento para que seu irmão se sobressaísse, não a afetava, acreditava que os amava mais que a própria música. O que a angustiava era a rebeldia do irmão em relação às determinações do genitor e sua obstinação em fazer com que ela também se rebelasse. Não poderia, jamais, agradar a ambos. Deixaria que a sorte e o destino lhe trilhassem o caminho.

Aos dezoito anos fora proibida de apresentar-



tar-se devido à sua condição de mulher de classe. Obrigada a voltar para casa, para sustentar as viagens dos dois, teve que dar aulas de piano às jovens de sua cidade e dedicar-se às tarefas do lar para poder arrumar um bom casamento. Sua mãe lhe dizia que “a música sempre serviu seu ornamento”.

Nem mesmo a paixão pelo capitão Franz foi permitida; ele não era bom partido. Sem coragem, acatou a decisão do pai, perdeu definitivamente a companhia e amizade do irmão. Submeteu-se às suas determinações e casou-se com o viúvo magistrado Sonnenburg, assumindo a criação dos cinco filhos dele e dos outros três que tiveram. Queimou suas composições, deixou a música para cumprir o papel que a sociedade lhe exigia: esposa e mãe zelosa. Nunca mais viu seu irmão. Era essa sua sinal, afinal.

As brasas se apagando na lareira extinguem também o pouco de luz que havia na sala e em contraste com a turbulência de suas reminiscências lhe trazem finalmente a lucidez.

A única ousadia a que se permitiu — depois de mortos pai, irmão e marido — foi retomar as aulas particulares de piano para se reaproximar daquela que, somente nesse momento, percebeu ser o grande, único e verdadeiro amor de sua vida: a música!

A aproximação da aurora a leva para outros sonhos, outro mundo. Talvez, quem sabe, um mundo sem tempo, sem restrições, onde ela possa dedicar seu talento sem ressalvas. Nesse mundo a única coisa que deixou de concreto foi a inscrição em sua lápide, na igreja de São Pedro, em Salzburg: “Irmã de Wolfgang Mozart”.

Literatura

UMBERTO ECO, ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

O semiólogo e escritor italiano, que já foi considerado o maior intelectual vivo e era carinhosamente chamado de ‘Il Professore’, destacou-se também por sua versatilidade e bom humor

GIL PIVA

Considerado tempos atrás o maior intelectual vivo, Umberto Eco, filósofo, semiólogo e romancista italiano, produziu não só um obra vasta, pela quantidade, mas principalmente por sua ampla e relevante versatilidade.

A própria simpatia de Eco fazia o resto: amava tanto os livros que adotou para si o papel de mecenato, sempre ávido por desvendar lugares e saberes da linguagem e da História, atento ao tempo certo de cada re-

flexão — de onde decidia se a percepção das novas ideias deveria ser direcionada a acadêmicos ou a leigos, pois “nossa cultura e a educação em nossa cultura são fundadas na capacidade de se fazer distinções” (*Folha de S. Paulo*, caderno Mais, 1995), disse certa vez em entrevista a Contardo Calligaris.

Como ensaísta, legou estudos como *Apocalípticos e Integrados*, *A Estrutura Ausente* e *Obra Aberta*. Este último, por exemplo, tornou-se referencial teórico para aqueles que trabalham com a literatura e sua multiplicidade interpretativa, correlacionada, também, a outros estilos artísticos.



Não havia de ser diferente com seus romances: expostos a experimentações narrativas, pelas quais Eco espreitava tanto o enredo quanto a linguagem como expressões inacabadas.

Nos romances, o cunho histórico prepondera propenso a questionar — pelo paradoxo existente — o contemporâneo, suspeitando e acusando os elementos sociais da cultura ocidental de compartilharem teorias conspiratórias. As tramas de seus livros viriam da justa necessidade de mostrar que a noção de História — seja presente ou passada — em algum momento se perdeu.

O *Nome da Rosa* permanece sendo seu romance mais conhecido, e um exemplo dos caminhos narrativos de Eco. Sob o pano de fundo da Idade Média, a desintegração do poder, alianças políticas e religiosas, somadas a um suspense investigativo, são aspectos exibidos no livro para abordar de modo indireto as mesmas transformações que o autor exploraria durante toda sua vida.

O monge franciscano (Guilherme de Baskerville) funciona como o típico renascentista perseguindo os sucessivos crimes de um mosteiro. A personagem representa a transição do pensamento moderno, guiando (e guiado por) digressões a respeito das dúvidas de ordem histórica e filosófica que reportam às virtudes humanas.

E foram essas duas estruturas que renderam ao romance uma elogiada adaptação para o cinema. Este ano o filme *O Nome da Rosa*, dirigido por Jean-Jacques Annaud, completa trinta anos. Eco, que faleceu mês passado (sexta, dia 19), escapou de insistentes futuras perguntas equiparando os entreatos do filme com os do livro.

Retomando brevemente o início deste texto para lembrar que Umberto Eco foi eleito entre os maiores, além do fato de ter sido indicado inúmeras vezes ao prêmio Nobel e nunca ter ganhado, remonta, bem ao estilo de seus romances, às contradições de nosso tempo, em que a nostalgia (do pensamento narrativo) é derrotada pela envelhecida e

aborrecida História (do tempo).

Muitos acreditam que Eco não tenha sido um romancista tão prodígio quanto fora em seus ensaios. Difícil saber o que é falso ou verdadeiro. Mas uma coisa é certa, a sua morte se anunciou sem conspiração — ou talvez a única conspiração à vista seja a da própria morte, com vontade de contrariar sua irreductível inclinação a compartilhar sentimento caloroso e espontaneidade.

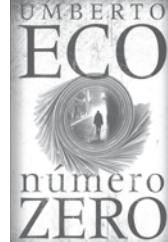
A realidade é mais estranha que a ficção, e, sabendo disso, Eco fez de tudo para que a (sua) realidade e sua ficção jamais se estranhasssem.

Seus romances questionavam a noção de História



Best-seller.

‘O Nome da Rosa’, seu primeiro romance



Crítica à imprensa.

‘Número Zero’, último livro publicado por Eco em vida



Encontro.
Umberto Eco com Mario Vargas Llosa e Salman Rushdie, em maio de 2008

Capa

'Operação Impensável', mais recente livro da premiada escritora Vanessa Barbara, aborda questões como amor, traição, luto e vingança



Foto: Fernanda Fiamoncini/Divulgação Objetiva

O HUMOR COMO ESTRATÉGIA

O. A. SECATTO

Ela não só pôs o Mandaqui no mapa como também trouxe mais humor às manhãs de segunda-feira com suas crônicas semanais. Paulistana, mandaquiana e corintiana, a premiada jornalista e escritora Vanessa Barbara, além de ser columista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *International New York Times*, também é senhora de três tartarugas de água doce — originalmente Jacinto e Napoleão, sendo o Moisés adotado depois —, de um estilo inconfundível de textos bem-humorados sobre os mais improváveis assuntos e de uma biblioteca que não cabe em seu novo apartamento. (Ela ainda não sabe de quem foi a ideia de adotar as tartarugas.) De mudança do Mandaqui para Santana (bairros contíguos da cidade de São Paulo), Vanessa é um prodígio: seu trabalho de conclusão de curso (o famoso TCC) foi posteriormente publicado pela Cosac Naify com o título *O Livro Amarelo do Terminal* e ganhou o Prêmio Jabuti de Reportagem de 2008. Na categoria romance, seu livro *Operação Impensável* foi vencedor do Prêmio Paraná de Literatura de 2014. Ano passado, seu livro *Noites de Alfase* foi reconhecido pelos críticos franceses como o melhor romance de estreia estrangeiro lançado no país em 2015. Ou seja, a moça já não é mais apenas uma "jovem promessa", como então constante da seleção de jovens escritores brasileiros da revista *Granta* em 2012. "O mundo não faz necessariamente sentido e eu adoro essas pequenas bobagens que às vezes

revelam muito e nada ao mesmo tempo", comenta. Em seus textos, ela também faz uso do *nonsense*: mas diz que se controla em respeito ao leitor. Para privilégio desta edição do *Cultura!*, Vanessa concedeu uma divertida entrevista por escrito, em que falou um pouco de sua vida e obra. Confira os principais trechos da conversa.

• **"Operação Impensável" é seu segundo romance sobre perda e separação. Por que a recorrência do tema?**

Não sei bem, mas acho que todo escritor tem as suas obsessões... E eu só descobri definitivamente que perda, luto e separação eram as minhas quando terminei *Operação Impensável* e me atinei com as semelhanças temáticas com o *Noites de Alfase*. É um tema forte, e me interesso sobretudo pelos sobreviventes: como lidar com uma perda importante, como encarar e reconstruir o passado, como se livrar dele. Mas os legumes e hortaliças também são um tema recorrente: um dos livros tem couve-flor à milanesa e alfase no título, o outro tem repolho logo na dedicatória. Digamos então que "perda" e "legumes" são os meus temas recorrentes.

• **À história de Tito e Lia você vai costurando estratégias de guerra, inclusive a operação que dá nome ao livro. Como surgiu a ideia dessa relação?**

Foi meio automático; comecei a narrar a

história da separação e fui me dando conta de que aquilo era como uma Guerra Fria, um período de conflitos insidiosos e medidas absolutamente insanias onde ambos os lados estavam sempre prestes a explodir. Aí pensei que Tito era como Nixon ("I'm not a crook" [‘Não sou um trapaceiro’]) e comecei a pesquisar. Durante o processo, fui percebendo vários pontos de contato com a história de Lia e Tito, então dei a Lia a profissão de historiadora, e assim foi...

• **Apesar do característico humor de seus textos em vários trechos do livro, há muita tristeza na história, em confissões tão íntimas, como na parte em que Lia escreve a Tito: "Eu queria também que você soubesse (...) a fragilidade do que você tem nas**

mãos (...), a vontade que eu tenho de te dizer: cuida de mim, não me deixa abraçar os joelhos e me sentir sozinha, e não vai embora. Não vai embora nunca". Como foi equilibrar isso?

De novo, acho que não é uma coisa muito planejada... Como em *Noites de Alfase*, ao me deparar com acontecimentos muito tristes, minha saída é sempre encontrar a graça, como se a coisa fosse tão triste que chega a ser cômica. É um mecanismo de defesa também. Muito útil numa Guerra Fria... Se ambos os lados ficassem fazendo piada, teríamos um período histórico bem mais sensato.

• **No livro há a foto de seu buquê de casamento. Afinal, como ele foi parar no Museu dos Relacionamentos Malogrados na Croácia? Quem escreveu o texto informativo?**

Eu enviei o objeto pelo correio já com o texto informativo. Cheguei a visitar uma vez o Museu e achei incrível. Escrevi uma matéria sobre isso também, na revista *Serafina* (www.hortifruti.org/2012/06/24/o-museu-amor-malogrado). O museu é mais uma prova de que a arte e o senso de humor podem ser restauradores, podem trazer equilíbrio e alívio. "A única coisa que restou de um grande amor foi a cidadania francesa", diz uma das legendas.

Foto: Arquivo Pessoal



• **Mario Quintana disse nunca ter escrito uma vírgula que não fosse uma confissão. Fora o mote de "Operação Impensável", o que de sua obra, até hoje, acabou tendo elementos biográficos?**

Quase tudo, tirando aquilo que eu inventei. (Aplausos para essa resposta.) *Noites de Alfase* tem muita coisa dos meus vizinhos, mas é claro que não são retratos de alguém em específico, mas uma composição de várias características de pessoas distintas. A mesma coisa acontece em *Operação Impensável* e em *A Máquina de Goldberg*, que

O VÉRÃO DO CHIBO

Autores:

Vanessa Barbara e Emílio Fraia

Editora:

Alfaguara

(120 págs.; R\$ 32,90)

O LIVRO AMARELO DO TERMINAL

Autora:

Vanessa Barbara

Editora:

Cosac Naify

(253 págs.; R\$ 49,90)

ENDRIGO, O ESCAVADOR DE UMBIGO

Autores: Vanessa Barbara e Andrés Sandoval**Editora:**

34 (56 págs.; R\$ 37,00)

A MÁQUINA DE GOLDBERG

Autores:

Vanessa Barbara e Fido Nesti

Editora:

Quadrinhos na Cia (112 págs.; R\$ 39,90)



OPERAÇÃO IMPENSÁVEL

Autora: Vanessa Barbara
Editora: Intrínseca
(224 págs.; R\$ 39,90)

por exemplo tem muito da minha infância, ainda que eu nunca tenha sido um menino punk. A ficção quase sempre tem elementos biográficos, o segredo é saber reescrevê-los, retrabalhá-los e dar sentido a eles em um ambiente ficcional. Tem um pouco de mim em Otto, Ada, Teresa, Mariana, Lia — só não tem nada de mim em Tito porque convenhamos.

• **“Noites de Alface” foi reconhecido pelos críticos franceses como o melhor romance de estreia estrangeiro lançado no país em 2015 e, na França, vendeu mais do que no Brasil. Alguma explicação?**

Não. Mas no Brasil é difícil vender literatura mesmo.

• **Numa postagem em rede social sobre “O Louco de Palestra”, você menciona, como características da crônica, que os “textos são curtos e não de agradar até aqueles que não gostam de ler e preferem, sei lá, dissecar um piolho”. Qual a importância da crônica na literatura brasileira? Ela continua atraindo o leitor?**

Não sei se continua atraindo o leitor, mas está bem viva ainda (Luis Fernando Verissimo, Humberto Werneck, Antonio Prata, Gregório Duvivier) e tem uma importância histórica enorme. Sou suspeita para falar de crônica, mas acho um gênero imenso.

• **Na mesma postagem, você brinca sobre as vendas de “O Louco de Palestra”. É possível viver só de literatura no Brasil?**

Acho que alguns escritores conseguem, mas a maioria recorre a outras ocupações para ganhar a vida, como eu com o jornalismo e as traduções.

• **Você já declarou que “para qualquer introvertido, estar com pessoas é extremamente cansativo” e que “a coisa mais chata da literatura hoje em dia são as noites de autógrafo”. É quase misantropia? (risos)**

É introversão, o senhor respeite. Além disso, embora eu ache positivo que o autor tenha contato com o leitor, não vejo como um elemento inerente à profissão. O que é inerente à profissão do escritor é que ele sente e escreva (também pode escrever de pé, se assim preferir), e pronto. Tudo além disso é acessório, pode ser até desejável, mas não é imprescindível.

• **Você sempre se confessa tímida e introvertida, mas não parece ser assim nos seus textos. A escrita, nesse ponto, é libertadora?**

Sim, eu fico remoendo tudo que não consigo dizer na hora e depois vou lá e escrevo até cair o olho. Mas sério: acho que são só formas diferentes de se expressar, uma tão válida quanto a outra. Eu podia ser uma oradora retumbante, mas nasci escritora.

• **Depois da crônica “Queria poder almoçar” (em que você diz precisar de dez a doze horas de sono e ter “atraso de fase”, só sentindo sono depois das três ou quatro da madrugada), a pergunta é inevitável: ainda sofre com compromissos pela manhã? Tem conseguido fugir deles?**

Sempre. A manhã pra mim não existe. Ela é feita para dormir. Sexta-feira tenho que pegar um avião na hora do almoço e será um sofrimento.

• **Sabemos que o Mandaqui é uma fonte inesgotável de histórias, mas qual é o desafio de escrever sobre o cotidiano?**

Buscar a diversidade, não se repetir demais... Quando a crônica é semanal, às vezes dá um desespero de não conseguir dizer nada novo, mas nessas horas tem que respirar fundo, sair na rua, ouvir conversas — sempre aparece alguma coisa boa. Eu também não gosto de usar sempre

o mesmo tom, os mesmos temas, fico me achando tediosa, então mesmo que alguma crônica dê “certo” ou seja popular, não me sinto inclinada a repetir a fórmula. Também não costumo falar dos mesmos assuntos que abordei nos meus textos para o NYT ou nos livros que escrevi, a menos que exista um ângulo muito diferente; acho que quebrar a cabeça atrás de novos temas é trabalhoso, mas é uma forma de respeitar o leitor.

• **O Veríssimo diz que, às vezes, ao usar a ironia, é necessário colocar um aviso no texto: “Atenção: ironia”. Além disso, seus textos têm muito humor que depende de referências que você faz. Há leitores que acabam não entendendo o humor ou a ironia? Já teve algum caso de “reclamação do consumidor”?**

Toda semana. É uma das coisas mais difíceis de acertar... Você até pode exagerar muito, pintar um cenário bem improvável, mas sempre vai ter alguém que acredita e fica ofendido ou revoltado. Um dos exemplos mais recentes foi a dupla de crônicas *O meu irmão* e *Direito de resposta*. Teve gente que realmente achou que o meu irmão tinha obtido um direito de resposta judicial e estava usando aquele espaço para defender a sua honra. Isso aconteceu por mais que eu tenha forçado a barra no começo e insinuado que ele era um cabeça de melão. Acho que às vezes as pessoas nem leem direito e já vêm com pedras na mão — uma vez, respondi um e-mail ultrajado e expliquei gentilmente que a crônica era irônica, que eu não pensava realmente aquilo, e que isso ficava claro nas linhas tal e tal. O leitor respondeu com certo ceticismo, mas admitiu que nem tinha lido direito o texto. Francamente. Em todo caso, nunca se pode descartar o fato de que o escritor é que errou no tom e não deixou a ironia clara o suficiente. Sempre que há um mal-entendido desses eu dou um passo para trás e vejo se a culpa também não foi minha.

• **Muitas pessoas idealizam o escritor como alguém solene, com uma enorme biblioteca, cercado de livros até o teto e que, num ambiente inspirador, senta-se e produz bons textos com facilidade. Como é o seu processo criativo, você tem alguma rotina de trabalho?**

Não... Queria muito ser desses escritores regrados que acordam cedo, fazem exercício, tomam café e antes das onze já escrevem três contos, mas como sofro de vários distúrbios de sono acabo com os horários todos bagunçados. Então vou escrevendo no desespero, quando consigo e quando estou bem. Os prazos é que vão me disciplinando.

• **Para escrever, precisa de silêncio? Ouve música?**

Preciso de silêncio e fico irritada até com o barulho de tartarugas batendo o casco nas paredes de um aquário. Guardo um par de tampões de ouvido a postos e alguns links com ruídos brancos, mas tenho enorme dificuldade de me concentrar diante de qualquer tipo de barulho. Música, nem pensar. Só quando termino, ou nos intervalos.

• **Como o nonsense surgiu na sua escrita? É algo trabalhado — ou simplesmente flui?**

Não sei, acho que aparece. O problema é conter, senão ninguém entende nada.

• **Você já publicou livro-reportagem, coleção de crônicas, quadrinhos, romance, livro infantil. É importante para um autor**

testar-se em outras áreas, experimentar?

Não sei se é importante, mas eu gosto muito. Acho que tira um pouco da monotonia de fazer sempre a mesma coisa, do mesmo jeito, para o mesmo público. Fora que você aprende coisas que pode aproveitar em outro gênero, tipo as técnicas narrativas no jornalismo e a pesquisa jornalística na ficção.

• **Como é a experiência de escrever em outra língua? Os textos para o “International New York Times” já surgem em inglês ou há uma escrita prévia em português?**

É a coisa mais difícil que eu já fiz... Escrevo os textos já em inglês, e depois eles passam pelos processos de edição e checagem. Sinto que estou tendo que aprender a escrever tudo de novo. Completei dois anos no *International New York Times* há pouco e ainda não estou nada à vontade com o processo de escrita. A confusão é tanta que às vezes volto a escrever em português e a cabeça dá um nó, não consigo mais fazer nenhuma das coisas. Fora que eu nunca soube direito quando usar as preposições *in*, *at* e *on*, o que não pega nada bem quando você precisa dar a impressão de que sabe o que está fazendo.

• **Qual sua relação com a casa? Você é uma pessoa caseira? Encara a cozinha?**

Odeio cozinhar. Gosto de ficar em casa e de escrever na varanda tomando o sol da tarde, enquanto decido o que vou pedir de janta.

• **Você acha que, mesmo com o e-book, o livro físico continuará tendo seu espaço entre os leitores? Você prefere este ao livro eletrônico?**

Gosto dos dois. Livro físico sempre terá espaço, claro.

• **Os livros ocupam muito espaço na sua casa? Como é a sua biblioteca? Tem ideia de quantos livros tem? Vão todos para Santana?**

Não tenho ideia, mas não vão todos para Santana. Como são muitos e nunca tive estante o suficiente, eles ficam em caixas ordenadas alfabeticamente (tipo A-Ca, Ce-F etc.). Essas vou deixar por aqui. Em todo caso, tenho umas sete fileiras só de livros que ainda não li ou que gosto de deixar expostos na estante por motivos sentimentais — esses já foram para Santana. Também estão em ordem alfabetica. Eu sou a louca da ordem alfabetica.

• **Tem algum livro que você, ao ler, por gostar tanto, não queria que terminasse?**

Guerra e Paz! E olha que é gigantesco. Sei lá, eu poderia passar a vida lendo *Guerra e Paz* e achando graça nas epifanias recorrentes dos personagens. Fiquei chateada quando acabou e eu tive que escolher outra coisa.

Mas eu também sou uma pessoa meio avessa a mudanças.

• **Qual o próximo livro?**

Ainda não tenho nenhum projeto. As crônicas e os artigos consomem toda a minha memória RAM e capacidade de processamento. Sobra pouco para escovar os dentes, cuidar das tartarugas e ter insônia.



Foto: Fernanda Flamoncin/Divulgação Objetiva

Operação Impensável TRECHO

“O Tito tinha medo de tucanos, freiras, baratas e de andar de avião. Eu temia os palhaços, as peças de teatro interativas, os poetas mambembes e os comprimidos de remédio grandes demais. Eu, historiadora, e ele, programador. Eu, agrião, ele, rúcula. Eu, fã de musicais antigos e filmes noir, e ele, fã de cinema contemporâneo pós-Coppola. ‘Juntos formamos a história do cinema’, ele dizia. Nossas saladas eram sempre mistas, e evitávamos qualquer tipo de distinção folhosa.

Na primeira vez em que nos vimos, descendo a ladeira após sair de um bar, ele desandou a falar sobre uma teoria segundo a qual ‘nem todos os anões eram filhos do Nelson Ned, mas muitos o são’. Eu não prestei muita atenção porque estava assustada com o grau de extroversão do rapaz, mas apostei que a lógica era rígida e fazia sentido. Sem parar para respirar, ele me falou de estatística, da teoria do caos e do misterioso Tortelvis, cuja missão, ‘que lhe fora incumbida por alienígenas, era tocar versões em reggae do Led Zeppelin, vestido de Elvis’. A certa altura, sem que houvesse ganho para tanto, observou que a língua alemã não passava de uma desculpa para cuspir nos outros.”



Melhor romance.

A autora na cerimônia do Prêmio Paraná de Literatura, em 2014

NOITES DE ALFACE

Autora: Vanessa Barbara
Editora: Alfaguara
(168 págs.; R\$ 37,90)



O LOUCO DE PALESTRA

Autora: Vanessa Barbara
Editora: Companhia das Letras
(200 págs.; R\$ 39,90)

Poesia

O professor Lino Marfioli esclarece o engano comum de tratar Alberto Caeiro como o mais ‘simples’ dos heterônimos de Fernando Pessoa: ‘a poesia de Caeiro é altamente filosófica’

Alberto Caeiro

ALBERTO CAEIRO: DA METAFÍSICA ANTIMETAFÍSICA

LINO MARFIOLI

Recomenda-se às pessoas que pretendem iniciar estudos de um autor complexo que se municiem com os “apetrechos” necessários e se acautelem, procedendo, à moda dos alpinistas, o acesso pelos “sítios” menos perigosos, menos íngremes, que permitem uma chegada ao cume evitando-se percalços desnecessários... Em se tratando de Fernando Pessoa é lugar-comum, conselho cediço, aquele que sugere o início da jornada pelo estudo de Caeiro, supostamente o mais “simples” dos heterônimos, com uma poesia fácil e acessível a qualquer pessoa. Quem assim o faz labora em erro crasso: a poesia de Caeiro é altamente filosófica, institui uma metafísica ao contrário.

O pensamento metafísico surge no ato de se subsumir que a contemplação jamais esgota a imanência do contemplado. Disso resulta a ideia de *transcendência no objeto* que, segundo essa visão, nunca é plenamente assimilável como algo inteligível. Justificam-se, assim, os conceitos de essência e aparência.

Quando digo que Caeiro inverte o pressuposto básico da metafísica — o de que as coisas são sempre muito mais do que parecem ser — quero aludir à sua atitude *nominativa*, que reduz a totalidade do objeto à exterioridade da coisa contemplada, e afirma obsessivamente que a *transcendência* exigida pela metafísica é um *atributo do sujeito*, um “defeito” do contemplante (a subjetividade) e não do contemplado (o real). Poderíamos dizer, de acordo com Caeiro, que se um homem nunca toma banho duas vezes no mesmo rio é essencialmente porque o *homem* não é o mesmo (em razão da impermanência que sua subjetividade lhe confere) e não porque o rio não seja o mesmo. Até porque — e é aí que a filosofia de Caeiro se revela uma metafísica reversa — o rio, para Caeiro, não é esse leito e essas águas, mas um ente abstrato, um universal que se afasta das contingências que marcam o objeto (e o diferenciam) quando de sua realização num particular. Caeiro, como bem observou Jacinto do Prado Coelho, não fala de rios reais, plantados na “objetividade” da vida concreta, mas de um ser abstrato, um conceito, uma súmula unificadora e totalizante. O que temos aqui? Um platonismo em Caeiro? Parece-me que não se trata disso; a atitude básica de Caeiro é a de atacar as “mentiras” do subjetivo, exigindo para o homem uma vida não de contemplação do mundo, mas de aderência ao que se lhe apresenta (“Pensar é estar doente dos olhos”). Para Caeiro, o “mistério” não está nas coisas contempladas, mas no fato de haver gente que admite a existência de mistério. Sua atitude representa um solapamento, uma condenação total da presunção maior da filosofia, que é a de conhecer, de “desbastar” uma por uma as camadas da subjetividade até atingir o esqueleto essencial daquilo que configura a realidade (e que, neste ponto, confina com as pretensões da ciência positiva).

Caeiro advoga, com intuição certeira, a tese de que a felicidade mora na inconsciência, no não-pensar (e aí aproxima-se bastante da filosofia oriental). O problema é que uma das pulsões básicas do humano é o bem-estar, os estados de prazer e desinquietação, e, no entanto, Caeiro postula que a consciência é fonte justamente do oposto: insaciade, desilusão, desconforto. Repete essas ideias à exaustão: “O essencial é saber ver / Saber ver sem estar a pensar”, “Se eu pensasse nestas cousas, deixaria de ver as árvores e as plantas... en-tristecia e ficava às escuras”.

Caeiro é, aparentemente, o poeta materialista, objetivo, avesso a todo “filoso-



far”. Como sempre, ledo engano... Isso inscreve-se como atitude retórica no arcabouço conceitual de uma filosofia que parece negar-se como pensamento, como contemplação percuciente, e propõe-se como visão desarmada de entendimento, de racionalizações nefastas que nos tolhem o prazer da vivência ingênua e autêntica do mundo como fenômeno.

Mas o que se pode esperar de alguém que se diz “pastor” não de ovelhas, mas de pensamentos? Essas “fissuras” na figura da personagem são introduzidas de propósito, atendendo a uma necessidade (diria quase que exibicionista) de um poeta onde nunca se sabe bem onde pôr a primazia: trata-se de um poeta-pensador ou de um pensador-poeta? Curioso,

muito curioso mesmo, porque configura um caso de junção de opostos: filosofia e poesia. Não quero, em momento algum, despojar a poesia (cujo objetivo maior é falar à emoção) da possibilidade de conter pensamento inteligível, com profundidade conceitual; o que é preciso demar-

car é a inadequação da poesia para o tratamento rígido e sistemático dos universais que é, obviamente, objetivo da filosofia. O compromisso da poesia é com o

enlevo, o encantamento; e o da filosofia com a clareza, a coerência estrutural das ideias para que formem um bloco monolítico com significações precisas. Daí o paradoxo da poesia de Caeiro como o de alguém que usa as vestes sacerdotais para condenar os crentes.

Caeiro representa em Pessoa a sua faceta heroica, solar, virada do avesso, uma tentativa hercúlea de realizar um impossível: a volta a uma vida primitiva, paradisíaca, onde o homem é feliz porque nada deseja além do nada que possui. Mas isso — é importante que se frise — não representa

um retorno à Natureza (Caeiro esgrime com abstratos, seu pensamento é generalizante; se fala de árvores, nunca diz se são mangueiras ou pés de ipê; se fala de flores, nunca diz se são rosas, crisântemos ou margaridas...), sua pretensão, repito, é a de um retorno à Natureza como espaço mítico da inocência dos sentidos, anterior à queda e à maldição sofridas pelo homem por ter experimentado o fruto da árvore do conhecimento.

*

LINO MARFIOLI, ESTUDOS DE FERNANDO PESSOA, É PROFESSOR APOSENTADO